

Impactos do aquecimento global na biodiversidade do Monte Roraima em notícia-entrevista de blog¹

Mairon Compagnon²

Prof. Dr. Simão Farias Almeida³

Universidade Federal de Roraima

RESUMO

As entrevistas costumam tratar de temas e fatos por meio de panoramas gerais e particulares de forma noticiosa e pouco aprofundada no webjornalismo. A cobertura das mudanças climáticas não escapa, geralmente, dessa tradição pautada na objetividade jornalística sem a devida contextualização de fatores, efeitos e soluções. A partir de discussões a respeito de análise climática (ARCHER; RAHMSTORF, 2010), jornalismo climático interpretativo (ALMEIDA, 2017) e estudo de caso (YIN, 2010), propomos analisar a entrevista do consultor ambiental Roberto Vámos ao blog Miramundos, valorizando uma interpretação padrão e complexa por parte do entrevistado, sobre a influência do aquecimento global na perda da biodiversidade no Monte Roraima.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo climático interpretativo; mudanças climáticas; biodiversidade; notícia-entrevista; blog.

INTRODUÇÃO

O Monte Roraima se encontra na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. A estrutura rochosa não apresenta picos, podendo ser equiparada com uma mesa devido ao formato plano. Diante dessas características de relevo e de clima frio, pode-se destacar a adaptação de espécies endêmicas da fauna e da flora, típicas do ambiente, para conseguir sobreviver e evoluir por milhares de anos. No entanto, os efeitos das atividades humanas têm alterado o clima de todo o planeta, e a região do Monte Roraima está sendo fortemente afetada por fenômenos cuja frequência e intensidade tem interferência antropogênica como o El Niño, trazendo fortes ondas de calor e ocasionando uma gradativa alteração nos habitats, e em um curto período de tempo, levando as espécies locais à extinção.

É importante destacar que fazemos parte de um planeta rico e diversificado onde a fauna e a flora dependem de harmonia dos ecossistemas, da cadeia alimentar e do funcionamento natural da vida. A atividade humana, entretanto, tem ocasionado um grande desequilíbrio ecológico, gerando desaparecimento gradativo e extinção de milhares de espécies, e uma imensa perda na biodiversidade. A preocupação com o

¹ Trabalho apresentado GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmico de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima. E-mail: compagnon.mm@gmail.com

³ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Roraima. E-mail: simon-jp@hotmail.com.

desaparecimento das espécies deve ser tomada como objetivo principal para a mudança de hábitos, afinal, é notório que a humanidade vive um dos seus piores momentos no planeta, resultado de uma elevada exploração dos recursos naturais no passado e no presente, e os reflexos de tais ações vão ser sentidas cada vez mais, afinal, a Terra é uma biosfera de ecossistemas interligados.

A criação de tecnologias capazes de auxiliar nessa extração de recursos e ao mesmo tempo preservar a natureza, gerou, em diversas ocasiões, um efeito contraditório, fazendo com que o homem subvertesse a natureza ao seu domínio e agravando cenários perigosos de degradação já existentes, como o desmatamento de florestas, a poluição e a seca de rios e riachos, as queimadas e derrubadas de matas para a criação de pastagens. Essa relação desarmônica entre o homem e a natureza está ligada às demandas políticas e econômicas de cada país. Segundo Wilson Bueno (2007), a interação entre eles busca garantir, em primeiro lugar, a sobrevivência humana.

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes etc), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia etc) (2007, p.33).

Essa complexa relação caracteriza-se pelo fato de as diversas populações humanas extraírem os recursos naturais, principal motivo do desmatamento para fins das atividades de agronomia, pecuária e desenvolvimento (SALIMON; BROWN in BUENAFUENTE, 2010, p.141). A natureza é devastada como um recurso inesgotável, aumentando os efeitos do aquecimento global associados às mudanças climáticas. Caso os danos ambientais continuem, os reflexos serão sentidos pelo próprio homem, principalmente por aqueles vivendo em áreas mais vulneráveis aos seus efeitos. Como é o caso dos povos originários e tradicionais da Amazônia, uma das regiões mais ricas em biodiversidade animal e vegetal do mundo, concentrando 60% de todas as formas de vida em mais de 6 milhões km² de floresta em pé. As atividades humanas, entretanto, acabam provocando a degradação e gerando uma enorme preocupação mundial, a exemplo do desmatamento florestal, das queimadas, da degradação do solo, da poluição dos rios e lagos, além da grande leva de carbono lançada na atmosfera pelas indústrias. Essas diferentes formas de agressão à natureza acabam por acelerar a perda da biodiversidade, de habitats e nichos ecológicos. Como afirma José A. Marengo, “A mudança de clima ocorrerá com uma perda de carbono muito grande, com uma perda de

biodiversidade enorme, e efeitos significativos nos ecossistemas brasileiros”. (MARENGO, 2006, p. 135). Deste modo, suas causas precisam ser apontadas e discutidas a fim de reduzir e evitar os impactos na fauna e na flora.

Conforme destaca Sandra Maria Franco Buenafuente (2010), é preciso discutir e refletir como a Amazônia tornou-se uma preocupação mundial, pois é considerada a última reserva biológica da Terra, responsável por manter o equilíbrio do ecossistema do mundo. “A visão que se tem sobre floresta tropical tem de ser mudada. É importante que as florestas sejam vistas como áreas dominadas por árvores e populações florestais, que oferecem continuamente produtos e serviços, independente de sua localização” (ZENETTI in BUENAFUENTE, 2010, p.308). Devido às notícias nos jornais, apenas se sabe em parte do que acontece com as florestas tropicais. Muitas reportagens trazem o mínimo sobre cada assunto, ou se trata sobre o desmatamento, ou se fala da rica biodiversidade, mas é necessário abordar sobre a importância de cada ser vivo nesse ecossistema, falar sobre os nativos e as dificuldades em sobreviver em um meio que está em constante mudança e todos os dias sofre agressões.

A visão de uma floresta em pé realizando o ciclo do carbono e liberando o oxigênio na atmosfera, vem muitas vezes sendo comprometida pelo comportamento dos fazendeiros da região, que para alimentar a criação de animais, limpam grandes terrenos de mata, derrubando a vegetação e criando áreas de pastagens (FEARNSIDE, 2003, p.81). A liberação de carbono e metano na atmosfera decorrente das atividades agropecuárias acaba agravando os efeitos do aquecimento global e das mudanças climáticas.

A conversão de florestas em lavouras afeta o clima, alterando o albedo regional e o fluxo de calor latente, causando o aumento da temperatura adicional no verão em regiões importantes na Amazônia, diminuindo a água no solo, levando à savanização na região leste (IPCC, 2007), com extinção dos igarapés e lagos, principalmente os não perenes (GOMES in BUENAFUENTE, 2010, p. 113).

O objetivo de minimizar as ações negativas do homem na natureza inclui a conscientização da população para o reflorestamento, pois a floresta em pé age como um grande depósito de carbono armazenado nos tecidos vegetais, o que nos possibilita evitar possíveis cenários como a extinção das fontes de água doce.

É dito que desde 1991, o desmatamento da Amazônia brasileira tem um aumento constante, variando de acordo com as mudanças relacionadas às forças

econômicas, e isso implica em um aumento ainda maior nos dias atuais devido à construção e pavimentação das estradas (FEARNSIDE, 2006). Além disso, outras forças podem conduzir o aumento do desmatamento, seriam elas os médios e grandes fazendeiros, atuando fortemente na degradação ambiental, como também os pequenos agricultores (FEARNSIDE, 2006). É preciso discutir e refletir a Amazônia não só em âmbito nacional, mas também internacional para amenizar esses panoramas (FREITAS in BUENAFUENTE, 2010, p.193). A região depende de políticas públicas para manter as demandas ecológicas de preservação do patrimônio natural da humanidade. Faz-se necessário também mencionar que as modificações na vegetação amazônica podem ocasionar alterações no clima local (SALAZAR in BUENAFUENTE, 2010, p. 23), afetando a ordem natural de rios e de lagos, além de atingir diretamente a biodiversidade (GOMES in BUENAFUENTE, 2010, p. 113), expondo algumas populações de animais às mudanças climáticas, ocasionando no desaparecimento de algumas espécies e a readaptação de outras, podendo levá-las à extinção.

Na mesma década em que o desmatamento na Amazônia brasileira se intensificava, ocorreu um dos maiores desastres ambientais em Roraima, um grande incêndio florestal no final dos anos 1990. Eventos como esse repercutem no país e no planeta, seja enquanto notícia ou como causador de efeitos climáticos, devido ao carbono liberado na atmosfera terrestre aumentar os impactos das mudanças climáticas que seriam sentidos nos anos porvir (FEARNSIDE, 2003).

O clima no extremo Norte do Brasil é determinado pelo Planalto das Guianas, cuja parte mais alta se denomina Planalto Sedimentar (FREITAS, 2017, p. 17), e ainda por duas características: no Sul do estado, na divisa com os estados do Amazonas e Pará, a floresta amazônica predomina e, ao Norte do Estado, o lavrado de Roraima com predominância geofísica de savana (FREITAS, 2017, p. 32). Além disso, essa região na fronteira com a Venezuela está sob influência do fenômeno El Niño, caracterizado pelo aquecimento das águas superficiais do oceano Pacífico Tropical e do Leste (MARENGO, 2007, p. 30). O vasto lavrado, o clima seco e a falta de chuvas agravados pelos efeitos do El Niño na costa do Peru, auxiliam na dispersão dos focos de incêndio (FEARNSIDE, 2003). Quando o fogo se alastra por essa região, a vegetação rasteira é dominada rapidamente pelo fogo e os animais não têm para onde fugir. Só sobram os troncos queimados das árvores, e muitas vezes ainda em processo de queima da madeira. Tal cenário é visto todos os anos e se intensifica com os fenômenos naturais

que atingem o estado, causando a perda da biodiversidade, com a morte de animais e plantas passíveis de entrar na lista de extinção. O jornalismo deve tomar pra si a missão de denunciar os impactos dos eventos climáticos nos ecossistemas.

JORNALISMO CLIMÁTICO INTERPRETATIVO

O comunicador é uma ferramenta importante para disseminar informação e interpretar as causas e os efeitos das mudanças climáticas. De acordo com Wilson Bueno (2009, p.117), a comunicação ambiental seleciona ações, estratégias, produtos, planos e esforços a fim de promover a divulgação das causas ecológicas. A ajuda na assimilação por parte da população deve partir do pressuposto de que o meio ambiente é um conjunto complexo de relações, condições e influências capazes de permitir a criação e sustentação da vida em todas as suas formas (BUENO, 2009, p.117). A partir desse ponto, o cuidado com o meio ambiente e a preservação do seu estado natural precisam ser reforçados pelos comunicadores ambientais, contando com o enquadramento de fontes. Quando tratamos do trabalho jornalístico, devemos associar as pautas ambientais e as práticas do jornalismo num processo indissociável (BUENO, 2009, p.117).

A dificuldade de estar pautado e munido de recursos técnicos para produzir uma matéria relacionada ao meio ambiente deve-se à falta de informações sobre as causas e os efeitos dos desastres ambientais, revelando uma falta de comprometimento (BUENO, 2009, p.122). Muitas vezes, as informações são insuficientes, sendo mascaradas por uma ação política:

O jornalista, que é, em primeiro lugar, um cidadão, deve contemplar a temática ambiental em sua perspectiva mais abrangente, buscando resgatar seu caráter multi e interdisciplinar. Por isso, precisa estar vigilante para não situá-la apenas em sua vertente técnica, fechando o foco e o desdobrando a partir de fontes especializadas ou científicas, nem sempre independentes. A pauta deve estar contextualizada e referir-se às verdadeiras causas da degradação ambiental, que, muitas vezes, estão mascaradas pela ação manipuladora de interesses políticos e empresariais. (BUENO, 2009, p.122).

A falta de sensibilidade com os temas também preocupa a cobertura ambiental. Wilson Bueno utiliza o caso de uma baleia encalhada na praia, por exemplo, pois os veículos de comunicação veem o assunto como apenas mais uma matéria composta por imagens ilustrativas, pouco importando, na maioria dos casos, os fenômenos trágicos

originários daquela cena (BUENO, 2009, p.122), motivando a militância cívica de ONG's ambientais e pesquisadores a cobrar contra uma neutralidade por parte do jornalista e da sua produção, lembrando o papel dos meios de comunicação enquanto maiores e principais aliados do meio ambiente.

A apuração jornalística sobre os dados acerca do que será interpretado nas matérias se faz necessário para evidenciar uma cobertura adequada, com qualificação nas informações veiculadas, como explica Wilson Bueno:

O incremento da cobertura jornalística da temática ambiental não se faz acompanhar, necessariamente, de uma maior qualificação das informações veiculadas sobre o meio ambiente, ainda que, de modo pontual, mesmo no Brasil, o jornalismo ambiental esteja ganhando corpo e seja possível indicar nichos nos quais esta capacitação ocorra de maneira mais ou menos acentuada. De imediato, é possível perceber estas ilhas de excelência da cobertura jornalística em determinadas mídias (as chamadas mídias ambientais autênticas) ou mesmo na grande imprensa (jornais de informação geral ou revistas segmentadas), onde jornalistas especializados evidenciam competência para manipular conceitos básicos e conhecimento suficiente para descrever cenários ou situações que explicitam adequadamente a questão ambiental (BUENO, 2009, p.114).

Podemos interpretar, assim, que nem todas as narrativas climáticas abordam as mudanças no clima, assim como nem todos os danos ambientais contribuem para o aquecimento global (ALMEIDA, 2018, p.19). Por isso, é necessário antes de produzir uma matéria sobre esse tema, analisar e pesquisar os dados, para não apurar e escrever informações incertas. A interpretação climática apresentada por Archer e Rahmstorf (2010) pode ser utilizada para realizar uma análise padrão dos processos de apuração e coleta de informação. Dentro desse processo, são mencionadas três etapas de interpretação: detecção, atribuição de causas e balanço de evidências. A detecção e a atribuição são responsáveis por detectar as mudanças climáticas em um conjunto de dados observacionais e atribuí-los a um conjunto de causas. Após isso, é realizado um balanço das evidências, atingindo um ponto de equilíbrio entre a detecção e a atribuição, chegando ao resultado necessário a respeito de fatores e consequências (ARCHER; RAHMSTORF, 2010).

Simão Almeida (2017) detalha essa análise dos fatos, de suas causas e consequências das mudanças climáticas:

Na Detecção deve ser verificada a) Apresentação e análise de dados e também b) Apresentação e comparação de fatos e contextos. Na Atribuição deve-se avaliar: a) Enumeração de causas, b) Identificação de causas políticas, econômicas, sociais, ambientais, culturais, etc, c) Hibridismo de causas e d) Relação entre causas, contextos e sistemas. Por fim, o Balanço de Evidências deve-se considerar: a) Apontamento de consequências, b)

Natureza política, econômica, social, ambiental, cultural das consequências, c) Hibridismo de consequências, d) Comparação de consequências em distintos contextos e e) Confronto contextual e sistêmico de causas e consequências (ALMEIDA, 2017, p.29).

Na análise padrão dos fatos, primeiramente deve ser realizada uma apuração dos dados, juntamente com uma comparação dos fatos e do contexto de todo o cenário do acontecimento. Em seguida, vem a enumeração das possíveis causas, para então poder identificar se elas são políticas, econômicas, sociais, ambientais e etc; e só após isso, será feita uma análise das consequências, do que todo esse cenário poderá causar. Dentro desse contexto, não interessa se as consequências serão reversíveis ou não, se os efeitos afetam apenas um cenário ou vários contextos. A partir dessas interpretações, o jornalista faz uma representação mais segura da realidade e transmite informações à população a respeito das causas, dos efeitos reversíveis e irreversíveis e das soluções em contextos distintos.

Entretanto, Almeida (2017) também considera uma abordagem diferente, a partir da qual é feita uma análise complexa das mudanças climáticas. Tais considerações são tomadas através das anotações do livro **O diário do clima**, da jornalista Sônia Bredi (2012), levando em consideração causas contextuais e sistêmicas, consequências contextuais e sistêmicas, efeitos reversíveis e irreversíveis, através da detecção, atribuição, balanço de evidências e do entorno educativo.

Na área da detecção, trabalhamos em uma contextualização dos fatos de uma forma birregional e global, apresentando os dados e as estatísticas, a intensidade e frequência dos fatos, distinguindo se é uma variação natural, ou as causas aconteceram através de uma ação antropogênica, ou seja, ocasionada pelo homem. Posteriormente, são enumerados os casos mais emblemáticos, incluindo os históricos, para haver uma comparação geofísica, indicando os fatos reversíveis e irreversíveis. Assim, poderemos atribuir os resultados dentro de um contexto na análise do próximo contexto.

Na atribuição dos fatos, o jornalista deve fazer uma comparação de casos, do que foi analisado anteriormente, com novos dados biorregionais e globais, definindo os fatores, se eles são naturais ou antropogênicos, para identificar então as causas, sejam elas políticas, sociais, econômicas, entre outras, citando se afeta o equilíbrio ecológico, para então ser feito o balanço de evidências, no qual serão tratadas as consequências. Todo esse cenário de mudanças climáticas, quando for analisado pelo jornalista, deverá

ter o apontamento das consequências, sejam elas ambientais, políticas, econômicas, sociais, se acabará causando efeitos na vegetação (desertificação, savanização etc) e no clima, interpretando, então, se tais mudanças podem ser reversíveis ou não, comparando com as demais regiões com as mesmas características. Em seguida seguem as questões educativas de entorno ambiental, de prevenção e mudanças relacionadas ao ecossistema capazes de promover benefícios a pessoas da sua proximidade, apresentando as soluções sustentáveis que podem ser feitas pela comunidade (rua, bairro, comunidades, associações, instituições etc); pelas organizações não ambientais (ONGs), além das soluções políticas-econômicas, científicas e energéticas (ALMEIDA, 2017, p.119), apresentando à sociedade as formas acessíveis para a mudança.

Com essa interpretação das mudanças climáticas, podemos analisar os materiais produzidos pelos jornalistas, sejam eles reportagens, notícias ou entrevistas, e avaliar a cobertura em cada situação, afinal, é extremamente relevante que o jornalista apresente, como nos casos de uma cobertura sobre os impactos na biodiversidade, uma identificação, principalmente, se os danos podem ser reversíveis ou não, podendo descobrir então o quanto os efeitos do aquecimento global e das mudanças climáticas podem afetar a fauna e a flora, não só de uma determinada região, mas também do planeta.

Diante disso, analisaremos em seguida a produção jornalística **Aquecimento global pode extinguir espécies do Monte Roraima**, misto de notícia e entrevista devido ao caráter de testemunho, novidade e delimitação da participação de jornalista e entrevistado. Ela é engajada na problemática da pauta de impactos das mudanças climáticas na biodiversidade global e regional. Fazendo uso do método de estudo de caso em sua aplicação de ilustrar determinados tópicos na pesquisa de modo descritivo, nos termos de Robert K. Yin (2010, p. 41), descreveremos a presença ou falta de uma interpretação padrão e complexa acerca dos efeitos climáticos na notícia-entrevista em questão.

ANÁLISE DE MATÉRIA SOBRE OS IMPACTOS NO MONTE RORAIMA

A webmatéria **Aquecimento global pode extinguir espécies do Monte Roraima** é de autoria de um dos editores do blog **Miramundos**, Rafael Duarte, ligado ao jornal **O Globo** e ao portal de notícias **G1** do Sistema Globo, incluindo uma

entrevista realizada com o consultor ambiental e diretor da Brasil/S Roberto Vámos. Esta fonte oficial e especializada realizou expedições a importantes locais do planeta, testemunhando a biodiversidade afetada pelas mudanças climáticas em ecossistemas, a exemplo dos Montes Cotopaxi (Equador) e Kilimanjaro (Tanzânia), dados esses acrescentados na produção jornalística pelo repórter Rafael Duarte.

Publicada em 27 de dezembro de 2010, a matéria imprime uma atualidade por trazer reflexões e temáticas que ainda permearão os debates na opinião pública por muito tempo, devido aos efeitos nos ecossistemas, na extinção das espécies, provocando reações por parte da opinião pública engajada nas causas ecológicas, gestão de riscos ambientais, investimento e utilização de fontes de energias renováveis. Por se tratar de uma entrevista, sob modelo de perguntas e respostas, há uma análise feita pelo jornalista a partir das respostas dadas pelo entrevistado, por meio das quais os assuntos abordados são hierarquizados de acordo com o ecossistema tratado: do montanhoso ao planeta em geral. Esse tratamento do particular para o geral coincide com a técnica de entrevista espiral concêntrica. Ela costuma ser utilizada por jornalistas policiais, mas também pode ser utilizada em outras editoriais do jornalismo. Essa técnica consiste em partir do sujeito que está no centro do fato para o contexto no qual está inserido e em seguida para a vida social do entrevistado (ALMEIDA, 2016). Essas nuances poderão ser percebidas conforme formos comentando cada pergunta

A primeira pergunta aborda os efeitos do aquecimento global e das mudanças climáticas nas espécies endêmicas específicas de uma determinada região, sendo feito um recorte geográfico da biodiversidade do Monte Roraima. A resposta de Vámos salienta que montanhas e outras regiões de grande altitude são afetadas pelas mudanças de temperatura nesses picos. “Espécies da flora e fauna que existem apenas nos cumes de montanhas são especialmente vulneráveis ao aquecimento global” (DUARTE, 2010). Logo em seguida, o entrevistado conduz esse recorte geográfico, considerando o aquecimento global enquanto fator capaz de modificar o habitat das espécies endêmicas do Monte Roraima, pondo em risco a sobrevivência dos animais e plantas apenas encontrados nesse ambiente:

“Isso porque se o clima esquentar, essas espécies vão querer migrar para outras áreas que tenham o mesmo clima ao qual se adaptaram durante milhares de anos de evolução. Mas só há dois caminhos para isso: ou migrar em direção aos pólos ou então montanha acima. E espécies como as que habitam o topo do Monte Roraima não tem nenhuma destas possibilidades” (DUARTE, 2010).

O comentário de Vámos acerca das alternativas de sobrevivência das espécies sofrendo com a perda do seu habitat, pode ser analisado em um contexto global, afinal, muitas espécies se adaptam em um determinado local e dificilmente encontram um ambiente semelhante próximo de onde vivem, estando assim, fadadas à extinção (DUARTE, 2010).

Durante a segunda pergunta da entrevista, Rafael Duarte questiona se o entrevistado acredita na conscientização por parte da sociedade, empresas ou do próprio governo em relação aos riscos ambientais. Os processos interpretativos de detecção e balanço de evidências são percebidos em resposta de Roberto Vámos: “Existe uma maior consciência por parte da sociedade de que há algo de muito errado na maneira como o meio ambiente tem sido tratado nas últimas décadas” (DUARTE, 2010). As práticas jornalísticas devem ser voltadas ao compromisso tanto social quanto ambiental, fazendo uma abordagem integral para demonstrar o combate à pobreza e como isso está direcionado ao cuidado com a natureza (ALMEIDA, 2017, p.68).

Esse cuidado e a busca pela conscientização são reforçados por Vámos no seguimento da resposta da segunda pergunta, quando ele se refere “à maior exposição que este tema tem tido na mídia à medida que cientistas vêm reportando pesquisas cada vez mais alarmantes sobre o estado do nosso planeta”. Talvez essa seja uma análise otimista, afinal, vemos a ciência tentando criar meios capazes de provocar mudanças no cenário ambiental atual, enquanto grande parte da humanidade segue poluindo e destruindo a natureza, afetando principalmente os menos favorecidos socialmente e economicamente. Antes de fazer uma ponderação otimista dos fatos, primeiro precisamos analisar os dados para atribuí-los a uma causa, e chegar até as consequências, sabendo então se elas serão reversíveis ou irreversíveis, para só depois, dependendo de qual análise foi feita, apresentar essa visão mais otimista, sem que seja apenas algo ilusório.

A outra parcela da humanidade que está engajada contra a degradação do meio ambiente começa a exigir que “governos e empresas mudem suas práticas” (DUARTE, 2010). Pode-se perceber neste ponto, o ensaio da atribuição de causas e da evidência dos efeitos, e, principalmente, a defesa da preservação ecológica:

A sociedade então começa a exigir que governos e empresas mudem suas práticas, e quem não responder corretamente às estas novas pressões pode não sobreviver muito tempo. Mas muitas empresas têm feito mais do que

simplesmente reagir. Elas começam a enxergar um novo mercado de tecnologias limpas que pode gerar milhões de empregos e bilhões em lucros (DUARTE, 2010).

A sobrevivência citada por Roberto Vámos está relacionada à procura da população por produtos e meios mais sustentáveis, e quem não se adequa a esse cenário, acaba não sobrevivendo por muito tempo, por isso o investimento no mercado de tecnologias limpas se torna tão relevante. Ao abordar sobre o novo mercado de tecnologias limpas e a dependência do uso da energia proveniente dos combustíveis fósseis, a perspectiva apontada pelo entrevistado é a seguinte: se a humanidade continuar queimando combustíveis fósseis nesse ritmo, até o final do século, tornaremos a superfície terrestre inabitável para nós mesmos (DUARTE, 2010).

[...] 80% da energia mundial hoje vem de combustíveis fósseis. Não temos como mudar nossa matriz energética da noite para o dia, mas precisamos começar a aposentar as antigas usinas movidas à carvão ou petróleo por novas fontes limpas, como o vento ou o sol. Só que precisamos também gerar mais energia, pois as economias dos países em desenvolvimento estão crescendo e a população mundial também (DUARTE, 2010).

A redução gradativa do uso das fontes de energia poluentes se torna essencial para reduzir os impactos das mudanças climáticas. Diante disso, nota-se que Roberto Vámos torna-se aliado do meio ambiente, por difundir para a sociedade atitudes sustentáveis com o intuito de conservar a natureza e prolongar a nossa morada no planeta. Nesse pequeno trecho destacado acima, no qual o entrevistado referencia novas fontes de energia provenientes do sol e do vento, ao mesmo tempo em que a população e o consumo crescem, a produção de notícias acerca do tema tem como objetivo principal conscientizar a respeito do nosso possível futuro.

Na última resposta, Vámos aborda algumas atitudes diante desse cenário, como o uso racional e mais consciente de energia. Tal afirmativa deixa muitas lacunas que, muitas vezes, não podem ser respondidas pela interpretação padrão das mudanças climáticas por parte do repórter:

A primeira e mais imediata atitude que nós podemos tomar como cidadãos é usar a energia que temos mais racionalmente. Desta forma, não haverá tanta pressão para produzir mais energia a curto prazo e poderemos concentrar nossos recursos e esforços na substituição da matriz energética existente (DUARTE, 2010).

O uso consciente da energia pode se tornar uma força motriz para conseguir suavizar e diminuir os impactos no clima. Diante disso, podemos analisar na fala de Vamos, que apesar de tratar de um ponto principal para uma possível mudança, ainda falta aprofundamento e complexidade no tema abordado por parte do jornalista diante de uma resposta rasa e sem mais detalhes sobre um tema tão emergente quanto esse. O profissional de mídia deve ir além de uma análise padrão dos efeitos das mudanças climáticas. Mas no fim, a entrevista acaba por cumprir o seu papel de apresentar o problema principal da perda da biodiversidade no Monte Roraima, seguido pela apresentação de uma suposta causa para esses acontecimentos, e por fim é dada uma solução pertinente, apesar de carente de mais informações.

Como a produção jornalística em questão é um misto de notícia e entrevista, é característico desse tipo de material, a utilização de apenas uma fonte especializada no assunto abordado, analisando o tema principal e elaborando respostas que corroborem com o conteúdo questionado pelo entrevistador. Apesar de parecer uma conversa rápida e pouco aprofundada, é importante ressaltar a força do discurso do especialista ao avaliar o homem como causa principal do agravamento do aquecimento global, gerando possibilidades de reflexões e mudanças, afinal, o ser humano cria ações capazes de não apenas desenvolver soluções, mas também de diminuir os impactos ambientais. Por isso, quando o entrevistador parte de um pressuposto particular, como as espécies que vivem no Monte Roraima e logo em seguida trata sobre questões globais mais amplas, temos a caracterização de uma angulação dos impactos das mudanças climáticas na biodiversidade, seja no ambiente específico, como o Monte Roraima, seja na floresta amazônica e nos demais biomas do mundo.

O jornalista ambiental pode utilizar ferramentas digitais, a exemplo do webjornalismo, para defender a causa ambiental, seja através de veículos de comunicação oficiais ou de maneira independente via blogs e redes sociais, proliferando a importância dessa causa. O jornalismo, todavia, ainda precisa abrir mais espaços para angular seres humanos e não humanos vulneráveis aos efeitos do aquecimento global, saindo, nos termos de Wilson Bueno (2009, p.121), dos muros da academia, ou seja, da exclusividade das fontes científicas. As espécies animais e vegetais, por exemplo, podem ser representadas por fontes não oficiais engajadas com as causas animais e ecológicas.

O enfoque da entrevista é objetivo, tentando não se estender e aprofundar no tema, mesmo assim agrega importância fundamental no conhecimento geral das pessoas, principalmente por se tratar de um problema global de interesse da humanidade há décadas, o qual pode sofrer agravamentos. Roberto Vamos caminha por uma linha tênue, apresentando respostas diretas e curtas, sem se aprofundar muito no problema em questão, analisa as consequências e narra uma possível solução entre várias outras que podem minimizar os efeitos das ações humanas na natureza, especialmente no clima, optando por uma interpretação padrão das mudanças climáticas, engajada no entorno educativo da região em favor do ecossistema do monte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano está afetando diretamente o clima do planeta, acarretando a intensidade não só das mudanças climáticas e dos fenômenos naturais, mas também a extinção de espécies. Diante desse contexto, o jornalismo ambiental se mostra necessário para espalhar um senso crítico de que algo precisa ser feito, tendo duas maneiras para fazer a interpretação dos dados. Uma delas reside na apuração dos fatos, comparação dos acontecimentos dentro do contexto e do cenário apresentado, para então discutir as possíveis causas e consequências, não importando se são reversíveis ou não, apenas relatando a realidade. A outra forma inclui a interpretação complexa das mudanças climáticas, por meio da qual é extremamente relevante distinguir se as consequências podem ser reversíveis ou irreversíveis, afinal, é a partir daí que o jornalista apresenta à população uma solução para os problemas, indicando um entorno educativo de preservação das fontes naturais de bem estar e de sobrevivência, além de soluções realizadas pelos cidadãos, pelas ONGs e demais organizações em prol do meio ambiente. É dessa maneira que poderemos criar a esperança de um futuro melhor, quando serão preservadas, de uma maneira mais consciente, as espécies dos biomas necessárias à conservação de todo o ecossistema terrestre.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Simão Farias. **Crises do planeta no jornalismo sobre Roraima**. João Pessoa: Ideia, 2020.

ALMEIDA, Simão Farias. **A cobertura jornalística das mudanças climáticas em Roraima**. João Pessoa: Ideia, 2018.

- ALMEIDA, Simão Farias. **Representações do tempo no jornalismo de mudanças climáticas e danos ambientais**. João Pessoa: Ideia, 2018.
- ALMEIDA, Simão Farias. **Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas e danos ambientais**. João Pessoa: Ideia, 2017.
- ALMEIDA, Simão Farias. **Manual de técnicas jornalísticas para livro-reportagem: olhares sobre a subjetividade**. Universidade Federal de Roraima – Curso de Comunicação Social-Jornalismo, 2016. Disponível em: <<http://meublogsimao.blogspot.com/p/arquivos-academicos.html>>. Acesso em: 14 mai. 2021.
- BAUMONT, Clarissa; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; PEDROSO, Rosa Nívea. Jornalismo e cidadania ecológica: análise da temática do aquecimento global no Caderno Ambiente do jornal Zero Hora. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto alegre: Dom Quixote, 2008. p.189–209.
- BUENAFUENTE, Sandra Maria Franco et al (Orgs.). **Amazônia: Dinâmica do Carbono e Impactos Socioeconômicos e ambientais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.
- BUENO, Wilson da Costa. O jornalismo ambiental circula na arena da ciência e da política. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**. São Paulo, Ano 13, n.13, jan/dez., 2009, p. 113-126.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- DUARTE, Rafael. **Aquecimento global pode extinguir espécies do Monte Roraima**. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/miramundos/post/aquecimento-global-pode-extinguir-especies-do-monte-roraima-352526.html>>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- FEARNSIDE, Philip M. Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle. **Acta amazônica**, v. 36, n. 3, 2006, p. 395-400.
- FREITAS, Aimberê. **História e Geografia de Roraima**. Boa Vista: IAF, 2017. 211 p. Disponível em: <<https://bitly.com/iNMxE>>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- FREITAS, Marcos Antonio Braga de. Povos indígenas em Roraima e impactos socio ambientais no processo de ocupação da Terra. In: BUENAFUENTE, Sandra Maria Franco et al (Orgs.). **Amazônia: Dinâmica do Carbono e Impactos Socioeconômicos e ambientais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010. p.185-208.
- GOMES, N. A. Mudanças climáticas: impactos ambientais nos recursos hídricos da Amazônia, decorrentes de seus usos múltiplos. In: BUENAFUENTE, Sandra Maria Franco et al (Orgs.). **Amazônia: dinâmica do carbono e impactos socioeconômicos e ambientais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010. p.105-125.
- JONSSON, Micael. Perda de Biodiversidade e Funcionamento dos Ecossistemas. **Oikos**. n.74, p. 283-295.

-
- MARENGO, J. A. **Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade**. Brasília: MMA, 2006
- SALAZAR, L. F. Desmatamento, mudanças climáticas e a hipótese de “savanização” da Amazônia. In: BUENAFUENTE, Sandra Maria Franco et al (Orgs.). **Amazônia: dinâmica do carbono e impactos socioeconômicos e ambientais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010. p. 17-26.
- SALIMON, Cleber Ibraim. BROWN, Irving Foster. Desmatamento, fogo e emissões de carbono no estado do Acre. In: BUENAFUENTE, Sandra Maria Franco et al (Orgs.). **Amazônia: Dinâmica do Carbono e Impactos Socioeconômicos e ambientais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010. p.141-152.
- VIEIRA, Ima Célia Guimarães; SILVA, José Maria Cardoso da; TOLEDO, Peter Mann de. JONSSON, Micael. Perda de Biodiversidade e Funcionamento dos Ecossistemas. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, 2005, p.153-164.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- ZENETTI, E. A. Aspectos sociais, econômicos e ambientais dos projetos florestais de carbono na Amazônia brasileira. In: BUENAFUENTE, Sandra Maria Franco et al (Orgs.). **Amazônia: Dinâmica do Carbono e Impactos Socioeconômicos e ambientais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010. p.293-310.